

## COOPERATIVISMO

\* Roberto Rodrigues

A Organização das Nações Unidas decidiu designar 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas. Trata-se de uma extraordinária conquista deste grande movimento mundial comprometido com o harmonioso desenvolvimento socioeconômico dos povos. Presente em quase todos os países, o cooperativismo é a doutrina que visa corrigir o social através do econômico. Quase 1 bilhão de pessoas no mundo todo são filiadas a algum tipo de cooperativa. Se imaginarmos que cada um destes cooperados tem 3 dependentes, o número de cooperativistas alcança mais da metade da população do planeta. É de longe o mais importante movimento socioeconômico vigente, e com o maior número de seguidores.

O cooperativismo enquanto doutrina é conhecido há séculos, e foi estudado com muita atenção nos séculos XVIII e XIX. Mas as cooperativas, instrumentos da doutrina, só passaram a ter protagonismo após a Revolução Industrial experimentada pela Europa em meados do século XIX, porque a Revolução Industrial produziu duas ondas negativas nos países europeus: uma de exclusão social e outra de concentração da riqueza, dois fenômenos que não são amigáveis para a paz e a democracia. Os excluídos se uniram e se organizaram em cooperativas, e o movimento, como um rastilho de pólvora, se esparramou pelo mundo todo nas mais diversas atividades econômicas, sociais e culturais.

Ora, as cooperativas, unindo os excluídos e viabilizando sua sobrevivência e progresso material, se constituíram em empreendimentos mitigadores da concentração da riqueza e, desta forma, assumiram papel de defesa da democracia, bem como da paz, no interior de cada país.

Este fenômeno ficou conhecido por quase 150 anos como a “terceira via” para o desenvolvimento, entre o capitalismo e o socialismo, e floresceu de maneira espetacular. Seus valores e princípios foram consagrados com a criação da Aliança Cooperativa Internacional em 1895 e o movimento avançou muito, até a queda do Muro de Berlim. Houve então um período de curta perplexidade, quando o cooperativismo ficou sem saber bem o que era e a que vinha: como ser terceira via se a primeira e a segunda haviam desbotado? O socialismo sofreu um forte revés e o capitalismo evoluiu para o liberalismo.

Mas a globalização da economia e o vendaval liberalizante que varreu o mundo produziram um recrudescimento nos dois itens da gênese das cooperativas: nunca como então houve tanta concentração da riqueza e tamanha exclusão social. E de repente as cooperativas, meio perdidas nos escombros do Muro, foram convocadas de novo para resgatar a inclusão social, e países do mundo inteiro montaram instrumentos jurídicos que promovessem o movimento, principalmente, os países desenvolvidos.

O resultado foi impressionante e mesmo agora, em meio a mais uma crise financeira global, o cooperativismo dá provas de uma vitalidade notável: os bancos cooperativos e as cooperativas de crédito resistiram muito mais à crise – como já o fizeram no passado – que os bancos comerciais, porque seus donos são também investidores e usuários, são os cooperados, sempre mais conservadores.

O que a ONU fez em 2012 foi reconhecer a importância deste movimento para a defesa da paz e da democracia, papel preponderante das Nações Unidas.

Nos últimos dias de outubro passado, cerca de 10.000 representantes de cooperativas de uma centena de países se reuniram em Manchester, na Inglaterra, sob o comando da Aliança Cooperativa Internacional para encerrar oficialmente as celebrações do Ano Internacional das Cooperativas.

Ratificando posição anteriormente anunciada, a ACI fez chegar aos participantes do magno evento sua visão sobre o tema: 2012 não foi um ponto de chegada, mas sim um ponto de partida para o cooperativismo mundial.

E os representantes de todo o movimento se comprometeram com uma agenda para:

- difundir a doutrina e o ideário cooperativista com o objetivo de atrair mais gente para o movimento.

- ajudar a criar cooperativas em todo o mundo, com ênfase nas regiões mais pobres, tendo em vista permitir a pequenos produtores isolados o acesso ao mercado, em conjunto com seus iguais.

- convencer os governos destes países – e do mundo todo – a criar instrumentos legais e/ou regras que, sem oferecer privilégios às cooperativas, abram a elas condições de desenvolvimento isonômicas em relação às demais empresas vigentes.

- convencer os países a criar fundos destinados à capitalização das cooperativas, sobretudo na África e América Latina.

Nesse contexto estão analisadas algumas mudanças dramáticas, lastreadas no crescente desejo dos cidadãos de participarem mais dos negócios e das decisões políticas. Tudo isso contrasta com os modelos vigentes, sobretudo no tema da governança.

Em resumo, um gigantesco movimento em favor das cooperativas vem acontecendo e seus resultados poderão ser notáveis; aliás, o lema do Ano Internacional das Cooperativas em 2012 foi: “Cooperativas constroem um mundo melhor”.

Pois bem. Pelas mesmas razões já referidas, está passando da hora do Cooperativismo receber também o Prêmio Nobel da Paz. Afinal, seu trabalho em prol da distribuição das riquezas, da defesa do meio ambiente, do pleno emprego, da inclusão social, tudo baseado na solidariedade e ajuda mútua, é, sem dúvida, um formidável motor para a defesa da paz.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador da FAO para o Ano Internacional do Cooperativismo**